ISSN 2237-1141

Labirinto Literário



Labirinto Literário

Rio de Janeiro · Ano 6 · Nº 25 · Out/Nov/Dez · 2011

© Todos os direitos reservados

Edição/Diagramação/Projeto Gráfico
Mozileide Neri

Comissão Editorial
Aimeé Lejeune • Bárbara Shenader • Joana Brito • Julia Hernández • Juliana Amaral • Luana Colaneri • Mozileide Neri • Sandro Ramos • Rodrigo Amaral • Luisa Beltoise

Revisão
Tatiana L. da Costa

Leitores Oficiais
BRASIL (Acre · Amazonas · Amapá · Pará · Maranhão · Bahia · Paraíba · Pernambuco · Recife · Rio Grande do Norte · Distrito Federal · Minas Gerais · Espírito Santo · Rio de Janeiro · São Paulo · Paraná · Santa Catarina · Rio Grande do Sul). **CHILE** (Región Metropolitana de Santiago · Región Del Maule · Región Del Biobío). **VENEZUELA** (Caracas · Cojedes · Guárico · Lara). **URUGUAI** (Montevidéu · San Jusé · Rivera · Soriano). **ARGENTINA** (Mendoza · Santa Fé · Córdova · Buenos Aires). **REPÚBLICA DOMINICANA** (Puerto Plata). **EUA** (California). **MÉXICO** (Baja California). **PORTUGAL** (Lisboa · Porto · Coimbra). **FRANÇA** (Lyon). **ESPANHA** (Barcelona . Córdova) . **ANGOLA** (Luanda · Huambo · Benguela). **MOÇAMBIQUE** (Nampula · Maputo). **CABO VERDE** (Ilha de Santiago · São Domingos · Ribeira Grande de Santiago · São Salvador do Mundo). **MARROCOS** (Essaouira)

Arte da capa

SKOUNT

http://skount-works.blogspot.com/



SUMÁRIO

04 Editorial
05 Thiago Hackner
06 Carmen Marangoni
08 Rubens da Cunha
10 Urda Alice Klueger
12 Fausto Brignol
15 Fotografia
34 Poesia
47 Ressaca literária

EDITORIAL

A comissão do LL

É com alegria desmedida que abrimos nossa 25ª edição do Labirinto Literário comunicando a conquista do nosso número internacional normalizado para publicações seriadas - ISSN. No mês de aniversário não havia presente melhor. Um presente para todos os leitores, colaboradores, divulgadores, professores, revisores e poetas que sempre nos incentivaram nessa tarefa adorável de criar trimestralmente um periódico literário recheado de arte e vários talentos. Agradecemos a cada colaborador literário e fotográfico, aos artistas plásticos que assinam a capa de cada edição e aos leitores brasileiros que divulgaram nosso Labirinto em lugares que não alcançaríamos sozinhos.

Nosso abraço e o nosso carinho a todos.

Aimeé

Bárbara

Joana

Juliana

Julia

Luana

Luisa

Mozileide

Rodrigo

Sandro

III

Marta estava acordada, tentando fazer sua filha Maria dormir. Os últimos meses foram de muita novidade naquela casa, com a chegada do bebê. Um novo ânimo contagiara toda a família, ainda que as noites tivessem ganho uma nova atividade. Extenuada pela intensa rotina com o acréscimo da filha que nascera há dois meses, Marta contemplava com satisfação e um certo alívio o roso de Maria que quase adormecia.

Após se certificar que a pequena realmente estava dormindo, a mãe foi à acanhada cozinha de sua igualmente acanhada casa para tomar um copo de água. Feliz por finalmente dispor de algumas horas de sono, Marta foi escutando um barulho crescente de um carro em alta velocidade. Quando o som parecia atingir seu volume máximo, este foi acrescido do estridente ruído de freios e de risadas.

Temendo por si mesma e pela filha, Marta não teve coragem de ir olhar o que acontecia. Aguardou ansiosa por minutos que se estendiam lentos na escuridão. Pensando no quão agitada era a vida da malandragem na favela A, escoava em sua mente o futuro da recém chegada menina, as pessoas com quem se envolveria nos anos por vir e a luta diária para a resguardar da fealdade deste mundo.

Quando parecia que as coisas estavam novamente calmas, Marta escutou passos apressados de alguém passando ao lado de sua casa, junto à vala de esgoto. Dominada por uma coragem até então desconhecida, abriu a porta de trás e só conseguiu enxergar um vulto fugindo pelas ruelas que ficavam atrás do seu terreno. Contornou seu pátio e viu no ferro-velho em frente o vigilante se embriagando, como fazia todas as noites.

Recuperando a calma, Marta escutou o choro de Maria ecoando pela casa. Suas merecidas horas de descanso teriam de esperar um pouco mais...

[continua na 26ª edição do LL]

CRÔNICA: UM TEXTO PARA CELINA| Carmen Marangoni

Escrever a primeira redação é como aprender a andar de bicicleta, até não conseguir sozinho, a gente não consegue pensar em outra coisa. Nunca esqueci a emoção de aprender as sílabas para formar as palavras e depois juntar as palavras para ver nascer uma história. É quase uma benção. Deve ser por isso que lembro como se fosse ontem da minha primeira redação.

Eu tinha sete anos e a minha professora se chamava Lídia. Ela era uma mulher bonita, mesmo que não desse para comparar com a professora de ballet que era tão linda que nem parecia ser de verdade.

A Dona Lídia, como ninguém ousava chamar diferente, era dessas professoras que mantém a sala em silêncio. Nas aulas dela ninguém trocava bilhetinho ou pedia para fazer xixi toda hora. Os cabelos da Dona Lídia eram presos com grampos que a gente não encontrava pra comprar no bazar da Waltraud. Também lembro que ela sempre tinha os lábios pintados com um batom cor de vinho. Acho que a boca dela permanecia daquela cor mesmo depois de escovar os dentes.

Além de severa, era muito asseada. O seu asseio constrangia muito a Catarina, que de vez em quando levava bilhete pra casa com suspeita de estar com piolho. Eu não gostava do jeito como a Dona Lídia escrevia os bilhetes para os pais da Catarina porque ela deixava bem evidente que a Catarina era piolhenta. Por causa disso, os meninos sempre a chamavam assim na hora do recreio.

Também não gostava quando a Dona Lídia dizia: hoje vamos estudar matemática. Mas quando ela dizia que a tarefa de casa era formar uma frase, eu ficava bem faceira.

Mesmo que a gente formasse frase dia sim, dia não, sempre era uma sensação diferente. Às vezes queria dizer uma coisa e não sabia como escrever a palavra, às vezes queria me exibir com uma palavra nova e não conseguia colocar ela em nenhuma frase. Daí era mais frustrante. Mas quando conseguia por a palavra certa na frase que eu queria nem dava para disfarçar o contentamento.

No dia em que a Dona Lídia parou bem na frente do quadro negro e avisou que iríamos fazer uma redação eu fiquei muito nervosa. Tratei de pegar uma folha em branco e começar a escrever lá na primeira linha, que era onde eu achava que as coisas mais legais deveriam ser colocadas. A redação ocupou meia folha do caderno. Quase não dava para acreditar naquilo. A menina da minha história se chamava Celina. Além de eu achar o nome bonito, não conhecia nenhuma Celina.

Aliás, nunca conheci. Eu voltava para casa caminhando, porque morava perto do colégio. Naquele dia, percorri todo o caminho pensando na minha história. Realmente não tinha nenhuma Celina em Agrolândia. O que me fazia acreditar que ela poderia ser bem diferente de todas as garotas que eu conhecia. E era maravilhoso imaginar como a Celina seria se ela fosse de verdade.

A Dona Lídia não usa mais os cabelos bem presos, mas eu ainda penso que depois das vogais e das consoantes a gente ganha o mundo.

ARTIGO: O ESTACIONAMENTO| Rubens da Cunha

Num futuro, talvez não muito distante...

Era uma vez uma ilha.

Era uma vez um lugar dentro dessa ilha que chamavam de universidade. Várias pessoas iam diariamente para esse lugar exercer diversas funções: estudar, ensinar, limpar, administrar, pagar, receber, organizar, gerir, vigiar. De forma geral, se podia dividir as pessoas que frequentavam esse lugar entre os que lá trabalhavam e aqueles que só estudavam. Muitos dos que lá chegavam para estudar eram festejados por suas famílias como vencedores. Havia rituais de corte de cabelo, pinturas no corpo. Os que já tinham chegado antes faziam com que os novos, chamados calouros, pedissem dinheiro nos cruzamentos. Trabalhar lá também não era fácil, precisava-se passar por uma prova e quem era aprovado também merecia as felicitações da família e dos amigos.

Certo dia, um grupo dos que lá trabalhavam resolveu parar de trabalhar. Eles estavam insatisfeitos com o salário e as condições de trabalho. Essa parada era o que eles chamavam de greve. Na universidade quem manda são instâncias superiores muito distantes, então para poder negociar melhoras esses que lá trabalhavam resolveram parar de trabalhar, fechar alguns departamentos, setores, enfim, tudo aquilo que eles conseguissem. A ideia era provar que sem eles a universidade não funcionaria. Então fecharam a biblioteca e o restaurante universitário e mais alguns lugares menores. O restaurante era um lugar onde os estudantes faziam refeições pagando preços módicos. Era uma forma de ajudá-los economicamente. A biblioteca era um lugar onde ficavam os livros, era um lugar grande, feito para que os estudantes pudessem adquirir mais saber, mais conhecimento. Os que trabalhavam na universidade acreditavam que se fechassem esses dois lugares, logo suas reivindicações seriam aceitas por seus patrões distantes. A princípio, alguns estudantes reclamaram de que o restaurante estava fechado e eles teriam que gastar mais para se alimentar. No entanto, eram reclamações pífias, cada um foi se adaptando como pode, se alimentando em outros lugares só um pouquinho mais caros do que o restaurante da universidade, logo já nem se lembravam mais dele.

Triste destino também teve a biblioteca. Fechada, foi completamente abandonada. Ninguém se manifestou ou pediu sua reabertura, ou pressionou os patrões distantes dos funcionários que a fecharam, nada aconteceu. Todo aquele

lugar que centrava o conhecimento da universidade parou de existir. Ninguém deu falta disso.

Por um tempo, os grevistas ainda tentaram falar da importância de suas funções, de como eles eram necessários para o funcionamento da universidade. Pouco adiantou. Os patrões distantes perceberam que a biblioteca e o restaurante eram lugares inúteis. Foram sumariamente demolidos e transformados em estacionamento, algo que realmente beneficiou muito mais as pessoas que frequentavam a universidade.

Quanto aos grevistas, foram remanejados, relocados, pois a lei não permitia que eles fossem demitidos. Alguns ainda tentam a greve. Toda vez que fecham algo, os patrões distantes transformam em estacionamento. Os estudantes têm adorado a ideia, inclusive já estão pedindo para que toda a universidade vire um belo, confortável e necessário estacionamento.

CRÔNICA: VOCAÇÃO PARA A INFELICIDADE| Urda Alice Klueger

Passava eu uns poucos idílicos dias em Aruba. Aruba é uma ilha de 35 quilômetros quadrados ao norte da Venezuela, joia preciosa engastada no mar transparente do Caribe, minúsculo país que já foi colônia holandesa, e que hoje fala uma interessantíssima língua chamada papiamento.

A única atividade econômica de Aruba é o turismo, e 600.000 turistas vão lá todos os anos. Assim, tudo naquele país onde só vivem pessoas ricas, é feito para o prazer do turista. Até para se caminhar na praia há caminhozinhos de cimento, para que o turista não tenha que sujar os pés na areia. Verdadeira ilha da fantasia. Aruba é perfeita e maravilhosa, embora nos deixe na boca um travo de falsificação quando se vai embora e a falsificação da irrealidade; a vida, lá, não é verdadeira, não é intensa como o resto do mundo. Em todo o caso, é um paraíso terrestre para alguns poucos dias, e achava que era impossível alguém sentir alguma coisa negativa no meio daquela maravilha rodeada por águas verdes e transparentes.

Eu estava caminhando por um dos caminhozinhos de cimento de uma das praias de Aruba, quando, na minha frente, quando vi um casal que tinha toda a pinta de ser brasileiro. A moça era muito elegante: usava uma canga colorida como nós usamos no Brasil; um par de brincos de casca de coco dava-lhe um ar sofisticado. No meio daquela imensidade de estadunidenses deselegantes que lá passam suas férias, ela chamava a atenção, e eu a julguei brasileira. Apressei o passo para ouvir o que o casal falava, e não deu outra: falavam português! Fazia dois dias que não encontrava brasileiros, e os abordei de imediato. Foi ótimo, eles foram super-receptivos, convidaram-me para a barraca deles, não paramos de conversar no caminho.

Daí, chegamos à barraca. As praias de Aruba são cheias de barracas simétricas, direitinhas, com telhado de palha, onde há espreguiçadeiras já com toalhas, uma das tais mordomias de Aruba. Chegamos à barraca do casal brasileiro, e lá já havia outro casal. Os dois casais viajavam juntos, e aí eu vi o que é vocação para infelicidade.

Os brasileiros haviam chegado em Aruba fazia dois dias - chegaram e foram olhar a praia, e acharam-na maravilhosa. Daí a mulher do outro casal disse:

- Eu quero aquela barraca lá para amanhã!

As barracas são todas iguais, mas aquela era a primeira de uma série de frente para o mar.

Na manhã seguinte ela levantou-se às SEIS DA MANHÃ (em plenas férias) para ir à portaria do hotel reservar a dita barraca. Deve ter voltado para o quarto e

infernizado o marido um pouco, pois só desceram para a praia às oito. E o que aconteceu? Já havia outras pessoas na dita barraca.

Aquilo foi uma tragédia para a mulher. Ela infernizou todo mundo o tempo todo, fez o gerente do imenso hotel vir à praia para reclamar, não aproveitou nada o dia inteiro. Havia dezenas de outras barracas vazias, de frente para o mar, bem ali, mas ela conseguiu ficar infeliz e revoltada por todo o dia porque alguém estava na barraca que ela queria.

Capítulo dois: na manhã seguinte, quando os encontrei, a dita mulher havia acordado às CINCO DA MADRUGA para reservar de novo a tal barraca. Deve ter infernizado a vida do marido, de novo, pois novamente só desceram para a praia às oito. Adivinhem o que tinha acontecido! Tinha gente na dita barraca de novo! A mulher só faltou endoidar! Foi quando os encontrei.

Não foi nada agradável ouvir toda aquela história da boca da mulher, que, além de tudo era feia e estava transida de raiva. Tentei pôr água fria na fervura, falei-lhe aquelas coisas assim: você está de férias, esqueça isto, olhe só quantas barracas vazias, olhe como o mar está lindo! - sem o menor sucesso. A mulher só faltava espumar como um cão raivoso, estava perdendo mais um dia que poderia ser maravilhoso naquela ilha paradisíaca! Caí fora, é claro. Caí fora com pena do marido dela e do outro casal, aquele da mulher elegante e bonita. É claro que a mulher feia e braba estava estragando as férias dos quatro. Haja vocação para a infelicidade!

Blumenau, 01 de Junho de 1997.

ARTIGO: OS PRONUNCIADOS OLHOS DO BRASIL| Fausto Brignol

Petrolina, no engaste entre dois povos um pouco de saudade, talvez algum resto de mim esteja se esgueirando naquele óleo cru, quantos brasis!...

- Meu povo, quantos sois?

- Os que passam fome ou também os que comem caranguejos, excelência?

Saudade de meus tempos de óleo refinado, quando mais moço e apenas sonhador, pensando revirar mundos, atravessar tantos lugares, tantos brasis!...

- Moça bonita, diga lá, o que foi isso?

- Foi o boto, sim senhor, em forma de moço bem alimentado, e naquele dia eu não tinha o que comer.

O meu sangue sempre foi escuro assim, mesmo nas romarias, Bom Jesus, todo o nordeste, quando eu era pau-brasil pirateado por naus que nunca dantes tinha visto, nem as estrelas me albergaram na visão crente do poeta... Meus joelhos, pura fé na procissão quando canto para pedir água e apenas jorra o óleo, que dizem bento, e a dor a latejar, que dizem pura.

Padre Cícero já sabia da amargura necessária à nudez do meu crescimento, mesmo franzino e pouco acelerado. Já era beato o Brasil da cana de açúcar quando virei bagaço e me jogaram no chão para purificar a terra e me transformar em óleo mestiço – tantos navios a desejar meu sangue!...

- Meu povo, quantos sois?

- Os vivos ou também os que cortam cana, sinhá?

Quando o meu sangue caiu no chão e se transformou naquele óleo bruto como as cantigas de senzala e eu senti que a vida podia ser melhor, mas não sabia como e viajei tanto que não tinha mais suor para regar o chão comparsa de meus pés e vi uma baía esquizofrênica, entre tantas baías que inundavam a minha imaginação, como se eu estivesse tendo uma visão de fome como acontece quando se viaja ou como se pairasse ou finalmente voasse em direção aos meus sonhos mais perdidos, lá embaixo, onde sabia que seria devorado novamente, como predestinação ou cegueira deste país que já não me engana – ah!, Rio de Janeiro de corcovados ambientais – onde sou sugado por gruas estéreis e assassinado nas esquinas de tua vasta babilônia, como pensei no teu nome como salvífico licor, ressurreição de todas as almas perdidas... Mas eras apenas um nome.

- Moça bonita, diga lá, o que foi isso?

- Nasceu morto, meu senhor, a vida é assim.

- Meu povo, quantos sois?

- Os que nasceram mortos também, madame?

Renasço em semente, mas que semente eu sou? Uma semente oleosa, uma semente pérfida, uma semente que não dará sementes. Não sabia que a minha reencarnação seria tão híbrida, que não teria genes para deixar como pequena herança que fosse, somente lembrança dos momentos de fome dos deserdados neste sul tão imenso onde o latifúndio perde-se em campinas estéreis, em terra morta onde o gado come o seu capim importado, que chamam de ração. Meridionais brasis perdidos entre pedras, barrancos e água verde de barragens secas, com poucos donos no meio da multidão de escravos passivos, domados, garroteados!... Como eu te queria mais verde e mais sincero! Também a mim tentaste convencer, mas eu não aceito mais os teus falsos ardores guerreiros, a propaganda enganosa de tuas festas de bombachas e cavalos de olhos esponjosos como o óleo que sou, entranhado em planta estéril.

- Meu povo, quantos sois?

- Somente os estancieiros ou também os que comem transgênicos?

Espreito as árvores que caem ininterruptamente e alimento-me da seiva antes que morra e deixe o chão murcho e órfão de vida. Sou o óleo cru, escondido muito abaixo do sal da terra, esperando o meu destino de barril e solidão esquecida. Sobre mim passam tratores e motosserras, sinto o gemer das raízes arrancadas, da madeira torturada, do devastar constante, febril, da mata que já foi virgem e agora se tornou a forçada prostituta dos que tem olhos de sangue e podridão. Ah, meus brasis de sanguessugas, meus brasis de pau-de-arara! Quantas prisões maníacas em teus porões sangrentos!

- Moça bonita, diga lá, o que é isso?

- Virei muié-dama, meu senhor, por favor, não me renegue, é tanta a necessidade...

- Meu povo, quantos sois?

- Os empresários ou também as prostitutas, dona?

Sinto o peso da última onça pisar no charco onde me escondo, fugitivo da minha cor de óleo velho, me entranhando no barro onde tentarei demorar no suspiro da terra a relembrar façanhas que nunca aconteceram – tantos brasis se perderam a ressecar nos carnavais das eternas quartas-feiras de tantas cinzas!... E eu acreditando... A última onça perdida a buscar o verde, sem horizontes que não seja água para seus olhos esquecidos, apenas a lembrança da vida a perdurar por um instante tímido, e o cantar dos pássaros cada vez mais quieto sobre o súbito mar insano que submete a floresta a seus desejos carnívoros de energia – ah, meu Brasil!, porque ficaste tão cego?

- Meu povo, quantos sois?

- Só os engenheiros ou também o povo deserdado, mãinha?

- Moça bonita, diga lá, o que é isso?

- É a cegueira da fome, sim senhor.

"Lá detrás daquele morro/Passa boi/Passa boiada/Só não passa a minha amada..."* Só não passa a minha amada? O que é isso "seu foguista/Seu sacana maquinista?"** Piuíííí! O trilho acabou! Cadê o Brasil? Quando, em minhas lendas de caboclo, tocava o violão enquanto a fonte cantava – chuá!-chuá! – e eu me deliciava com teus olhos que sorriam... Mas agora sou caubói, vou matar boi, ouvir música cauntri, serenar a serenata do meu peito, o tico-tico que sem fubá ficou e eu aqui, de bobo, a brincar de gente, quando me querem apenas biodiesel, produto a ser exportado, grito mudo no meio da torcida, voto na urna sem-vergonha, olhos vidrados na televisão e sorriso de pateta na cara, número em pesquisa quando me caçam nas favelas porque queria ficar rico como eles, mas é proibido! É proibido brincar de pátria mãe gentil quando as câmeras olham para mim em todas as cidades loucas, e eu brasileiro?

- Meu povo, quantos sois?

- Os políticos ou também os sobreviventes, dona?

- Meu rapaz, me responde: o que é que há?

- É uma dor tão lá dentro que me deixa consumido, como se fosse uma fome que só quer me devorar.

- Meu povo, quantos sois? Quantos sois, meu povo? Quantos sois?

- Também os que choram de tristeza, senhora?

---

* Cancioneiro popular.
** Versos de Manuel Bandeira

Fotografia

Seleção: Joana Brito e Luana Colaneri

TEMA LIVRE

Clara Capistrano





Aimée Lejeune



Janine L. Brown





Aislara Rodríguez



Alejandra Martin





Luara Gorgulho



Isabelle Saint Martin



Najma Bensaïd





Thiago Breginski





Lucas Sampaio





Gabriel Wasnink



Mozileide Neri



Annick Lauret





Carla Laidens



Sarai Alcantara





David Boschi Shwarcz





Monalisa Castro





Monica Osório



Poesia

Seleção: **Juliana Amaral**

Andri Carvão
São Paulo, BRA

Todas as Cores

amarelo com vermelho
uma fruta
vermelho com azul
uma flor
azul com amarelo
uma folha

a pomba
na teoria
o luto
na prática

vermelho com preto
a terra
vermelho com branco
outra flor

preto no branco
restos mortais

Mario Benedetti
Paso de lós Toros, URU

Poema a La Clase Media

Clase media
medio rica
medio culta
entre lo que cree ser y lo que es
media una distancia medio grande
Desde el medio mira medio mal
a los negritos
a los ricos a los sabios
a los locos
a los pobres
Si escucha a un Hitler
medio le gusta
y si habla un Che
medio también
En el medio de la nada
medio duda
como todo le atrae (a medias)
analiza hasta la mitad
todos los hechos
y (medio confundida)
sale a la calle con media cacerola
entonces medio llega a importar
a los que mandan (medio en las sombras)
a veces, solo a veces, se dá cuenta (medio tarde)
que la usaron de peón
en un ajedrez que no comprende
y que nunca la convierte en Reina
Así, medio rabiosa
se lamenta (a medias)
de ser el medio del que comen otros
a quienes no alcanza a entender
ni medio.

Marcelo Sousa
Rio de Janeiro, BRA

Fernanda

Chico assoviava feliz
a tristeza da sua Beatriz.

Jobim, com a palavra clara e precisa
fez eterna a sua Luíza.

Eu, que em minha alma já não sei quem manda
queria escrever sobre uma tal Fernanda.

Talvez protegê-la sob outro nome:
Renata, Erika, Mônica, Fabrícia, Ludmila, Carol...

Mas o amor só abrasa, não consome.
Eu sou fósforo, tua lembrança é álcool!

Não pretendo ser um Buarque de Hollanda
para reinventar a incontestável Fernanda.

Não queria ser um Tom ou um Vinícius
para contar como ela domina minhas virtudes e meus vícios.

Deus dá, mesmo quando tira.
Levou-me o amor. Deixou-me a lira.

Djalmar Stüttgen
São Paulo, BRA

Casa Terminada

Um dia, afinal, fica terminada a casa, caíram as paredes, voaram os assoalhos. Ah! Não é isto felicidade?

Para Chin Shengt'na, *Câmara Ocidental.*

José Felipe Mendonça da Conceição
Rio Grande do Sul, BRA

A praça do imperador

Na praça do Imperador,
Há tanta vida e estrutura,
Há tanta história e escultura,
Cúpulas e arranha-céus.

Na praça do Imperador,
Há monumentos e lápides,
O palácio e antigas torres
Encimadas pela Virgem.

A praça do Imperador,
Ela a própria é um monumento,
Inscrita imagem, momento
De marchas e pavilhões.

Na praça do Imperador,
Há o antigo ancoradouro
Das naus outrora aportadas –
O Pharoux e o chafariz.

A praça do Imperador:
Terreiro da Polé, Largo
Do Carmo, Paço real,
Praça XV de Novembro.

Em tantos nomes e histórias,
Marco zero da cidade,
Nosso berço e nascedouro,
Venho manso desaguar-me.

Na praça do Imperador
De tantos rios e Rios
A desaguarem erráticos,
Posso sereno espraiar-me

Após tanto caminhar,
Após tanto navegar
Com braços, pernas e pés,
E o coração afogado.

Vânia Lopez
Minas Gerais, BRA

Assovio

as janelas se abriam
todas as casas olhavam o céu
afastava a cortina
o dia vinha raiando
se espreguiçando em minha boca
a terra chamava com pressa
afofava um travesseiro
para os sonhos
o vento embaraçava as folhas
eu assistia a calmaria do dia
no céu escrevia minhas lendas
o vento vinha e apagava
subia pelas árvores
me lia pelos galhos
não tinha hora
não tinha relógio
nos pés calçava o ar
em seu vestido vermelho
a Joaninha passeava
as formigas todas de pé no chão
ah, brincava e corria tanto
que o dia não me alcançava
o vento assoviava
a última folha caia
era hora de voltar...

Brian Kibuuka
São Paulo, BRA

Nuvens

Serenas nuvens
sempiternas sobre meus pés descalços
De cabeça para baixo
para olhar do alto a chuva de realidade
É assim que sigo
as possíveis formas
de enlevar meus olhos
para o seu sorriso alado
E ali encontrar a fórmula
que transforme nosso nós em alva
forma de amar
Se consigo?
Só o tempo que sobre nós gravita
dirá, com sussurros
Os quais repetirão, com força de vento
que acaricia por mim seus cabelos:
Sereno é chuva de nós
sobre nosso leito de realidades
molhado de promessas e codinomes
todos eles: nós, nós que desatamos...

Teresa Cristina
Piauí, BRA

Haicais

I
As gotas de orvalho
Brincam ao nascer do dia
No capim rasteiro

II
Tarde na cidade
Enche-se o largo da rua
De carros velozes

III
Diante da porta
Um cajueiro apinhado
De bem-te-vis.

IV
As casas da rua
Não é a primeira vez
Que ficam com flores

V
Figuras de mármore
Os bem-te-vis insensíveis
Aos fatos históricos

Rodrigo Dias
Rio de Janeiro, BRA

Passagem

O que trago da vida até aqui
É um carro desgovernado numa autoestrada:
Não preciso de freio,
Não preciso de cinto de segurança,
Quero apenas me arriscar um pouco mais a cada dia.

Não tenho mais medo de errar
-Acertar não é mais fácil que isso!
Só peço que me perdoem, não que me entendam
Nem eu mesmo tento fazer isso
-É muito tempo para perder à toa.

Tanto faz se prestam atenção em mim,
Eu não sou um quadro, um filme talvez,
Não me pretendo inesquecível,
Estou aqui só de passagem...
Qualquer hora dessas caio num precipício,
Salto e viro vento,
Sem direção.

O que levo da vida daqui?

Quem me leva é a vida!
Que não erra nem acerta,
Não perdoa e não entende;
Não atenta. Apenas passa!

(in: “Expressões Impressas & Impressões Expressas”; Usina de Letras, Rio de Janeiro, 2009)

Pedro Du Bois
Rio Grande do Sul, BRA

Silêncios

Tanto conversamos
em silêncio

seus olhos perguntam
respondo olhares

mágoas
tristezas
iras
raivas

surdas maneiras
de nos fazer entender
não estarmos juntos.

Juliana Amaral
Rio de Janeiro, BRA
Lisboa, POR

Vou ficar aqui

Entrelacei-me ao silêncio que fugia
sem pressa dos dias parados.
Fugi da calma que me seguia,

encontrei palavras soltas
e cheias de rimas pelo caminho,
encontrei versos sem dono.

Vou ficar aqui!
Gritei para o silêncio.
Poeme-se, sussurrou a calmaria.

Tatiana L. da Costa
Rio de Janeiro, BRA

Voz, ouvir, calmaria, haveria

Quando eu cantar agora
você reconhecerá minhas rimas

quando eu suprimir os fonemas
você reconhecerá os espaços, os vazios

quando eu melodiar a angústia
você já estará gemendo

quando escutar minha voz
traduzirá minha ambição.

Se eu não me calasse tanto
você teria cantado pra mim

antes que eu

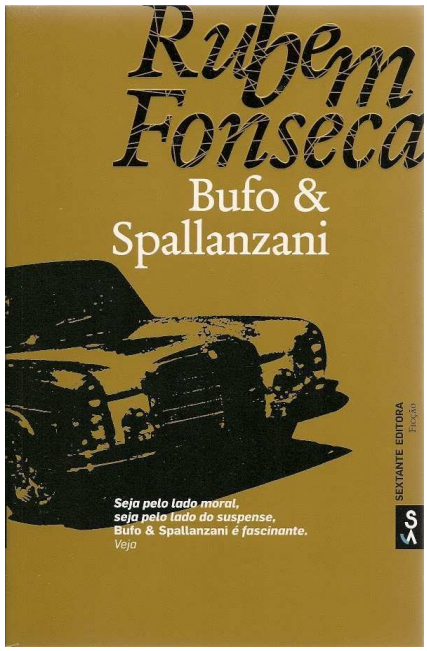
explodisse,

enfim.

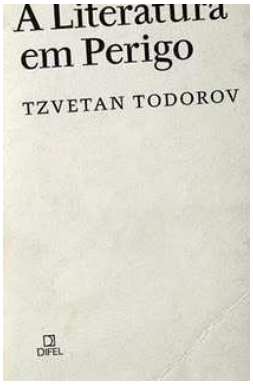
Ressaca Literária

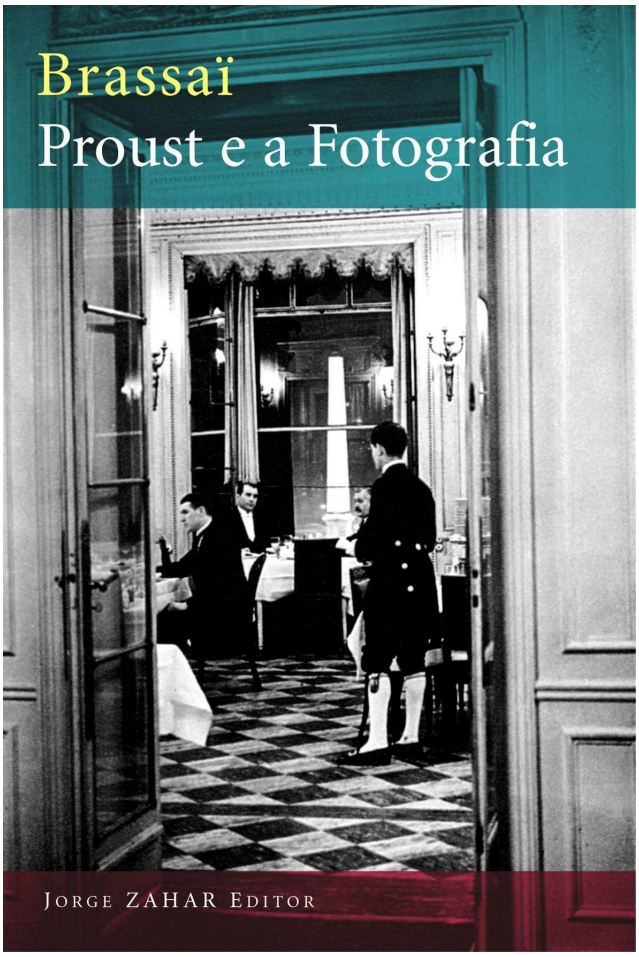
Seleção: **Sabrina Batesini e Carol de Oliveira**





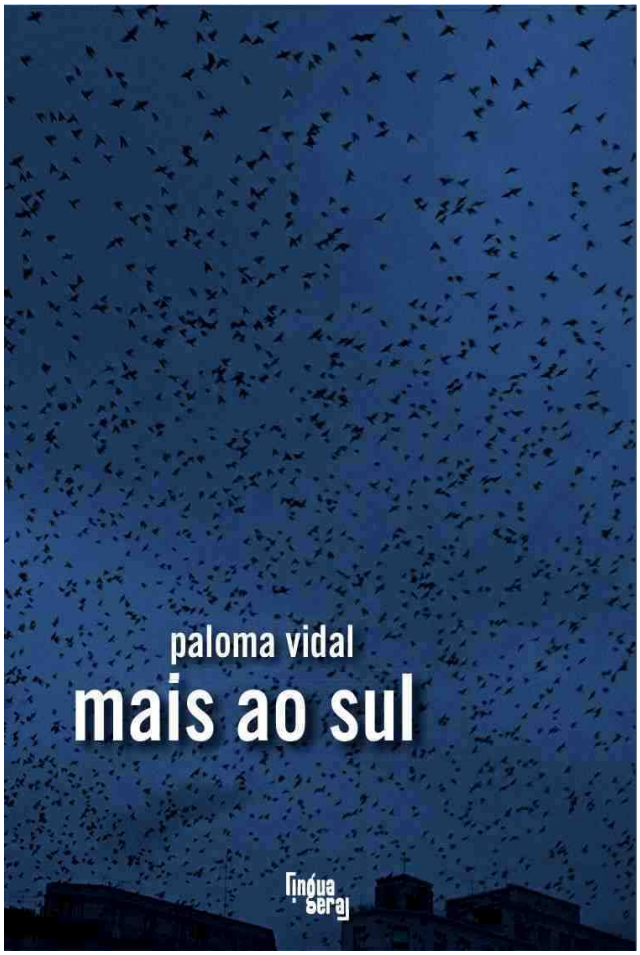
Os livros aqui citados são sugestões literárias para os próximos três meses (no mínimo). Escolha um, adote-o para sua futura leitura. Caso não seja possível no momento, sugira para um amigo (a), namorado (a), pai, mãe, irmão, irmã, primo, prima, avó, avô ou nos escreva informando a sua sugestão de ressaca literária: labirintoliterario@yahoo.com.br.





"Amei ler esse livro. Uma espécie de surpresa adorável, uma alegria inesperada".
(Sabrina)

"Se todos os livros tivessem o poder de embriagar eu viveria 'bêbada' o tempo inteiro." (Carol)



Política de Acesso Livre

Todas as edições anteriores do LL estão disponíveis no 4SHARED:

http://www.4shared.com/dir/8976368/c571270d/Labirinto_Literrio.html

Como submeter

Texto

Poesia: tema livre, máximo de 2 páginas.
Responsável pela seleção Juliana Amaral.

Conto, crônica, artigo, ensaio, resenha: tema livre. Os textos submetidos à comissão editorial deverão ser digitados em Winword, fonte verdana 10, espaço 1,5, justificado, formato de página A-4. Nesse padrão, o limite dos textos será de no máximo 03 páginas (incluindo as notas e referências bibliográficas, se houver).

Fotografia

Fotografia: tema livre, tipo JPEG, tamanho até 1MG, máximo de 4 fotos (3 coloridas e 1 em preto e branco). Responsáveis pela seleção: Luana Colaneri e Joana Brito.

Próximos prazos para envio

LL Nº 26: **Jan/Fev/Mar 2012**- Prazo para submissão: **30 de novembro 2011**.
LL Nº 27: **Abr/Mai/Jun 2012** - Prazo para submissão: **29 de fevereiro de 2012**.
LL Nº 28: **Jul/Ago/Set 2012**- Prazo para submissão: **31 de maio de 2012**.
LL Nº 29: **Out/Nov/Dez 2012** - Prazo para submissão: **31 de agosto de 2012**.

As colaborações literárias e fotográficas devem ser enviadas para o e-mail:

labirintoliterario@yahoo.com.br

Resumo da edição atual do LL

http://labirintoliterario.blogspot.com

